

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT12.019

O CINEMA NACIONAL NA EJA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA A REFLEXÃO SOCIOLÓGICA SOBRE O MUNDO DO TRABALHO

Viviane Maria da Silva Pimentel A. Rabello¹Darcilene C. Gomes²

RESUMO

Este artigo propõe a utilização do cinema nacional como recurso didático interdisciplinar para fomentar a reflexão crítica sobre temas sociológicos, com ênfase no mundo do trabalho, em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A proposta está alinhada à Lei 13.006/2014, que institui a exibição de filmes nacionais como componente curricular complementar, e fundamenta-se em referenciais teóricos como Paulo Freire, Pierre Bourdieu e Wright Mills. Freire contribui com a perspectiva dialógica da educação; Bourdieu, com a análise do capital cultural e das desigualdades simbólicas; e Mills, com o conceito de imaginação sociológica, essencial para articular experiências individuais a contextos históricos e sociais. A metodologia incluiu a exibição de filmes como *Que Horas Ela Volta?* (2015) e *Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar* (2019), seguidos de CineDebates que relacionam as narrativas cinematográficas a questões como desigualdade social, precarização laboral e identidade cultural. O objetivo é estimular nos estudantes

1 Mestranda do Curso de Sociologia em Rede Nacional ProfSocio da FUNDAJ- PE, viviane.rabello@aluno.fundaj.gov.br, gestora escolar de Educação Infantil Creche-escola na Prefeitura da cidade do Recife-PE, especialização em Alfabetização e Letramento- UNINTER-PR, estudante de Letras/UFRPE e professora de Tecnologia na Educação Prefeitura da cidade do Recife-PE ;

2 Doutora em Desenvolvimento Econômico - Unicamp - SP, darcilene.gomes@fundaj.gov.br;

uma leitura crítica da realidade, ampliando sua consciência sociopolítica e fortalecendo sua formação cidadã. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi aplicada em uma escola pública de Recife, utilizando sequências didáticas para avaliar o impacto pedagógico do cinema. O artigo visa não apenas valorizar o cinema nacional como ferramenta educativa, mas também incluir a EJA no debate sobre políticas públicas que integrem arte, educação e transformação social, destacando seu papel na democratização do acesso à cultura e na construção de saberes significativos. A metodologia aplicada através da proposta de intervenção pedagógica proporcionou como resultado a escuta atenta dos participantes de forma ativa sobre cenas específicas destacadas pelos participantes que expuseram suas opiniões de reflexões críticas e políticas sobre a exploração nos filmes relacionadas ao mundo do trabalho.

Palavras-chave: Cinema nacional, EJA, Ensino de Sociologia, Trabalho.

INTRODUÇÃO

O ano era 1895, os irmãos Lumière, na França, elaboraram um invento (o cinematografo), que permitiria registrar objetos e pessoas em movimento, incrivelmente a partir de fotos sucessivas em projeção. Os irmãos Lumière não imaginavam que sua invenção revolucionaria o campo das artes, pois acreditavam que seria apenas mais uma invenção logo esquecida. Tal prognóstico foi ao longo do tempo refutado, pois através da invenção dos irmãos Lumière uma nova forma de registro histórico e ficcional foi agregada às experiências, emoções, tristezas e alegrias de homens e mulheres nos tempos modernos. O cinema se fez e faz presente e mesmo que em silêncio -como no início de sua exibição- foi integrado ao cotidiano da vida moderna, difundindo-se entre as grandes massas, com destaque para o público analfabeto, que através do cinema e suas imagens realizavam sua leitura imagética ao testar os limites do silêncio na tela ao comando de Charlie Chaplin em Tempos Modernos.

O cinema e sua magia não funciona apenas como entretenimento na vida das pessoas, pois seu valor não se resume a um objeto de consumo do viés capitalista. O cinema proporciona o que poderíamos nomear de momento de encontro com si próprio e muitos conflitos éticos, políticos e emocionais que estão em dilema na sociedade atual e necessita de reflexão e debate coletivo para avanços sociais. A sociedade consumidora da arte e cultura tem no cinema mundial o filme numa condição multifacetada, que vai além de uma ferramenta reflexiva. São caminhos a serem percorridos como reflexão crítica da sociedade, conscientização social e promoção da empatia para além do mundo de entretenimento que impacta as normas culturais e promove debate sobre questões relevantes.

O cinema ainda não é para todos, pois o acesso é restrito e muito caro, esses obstáculos ao acesso de forma antidemocrática configuram o alto nível de desigualdade aquisitiva e o acesso ao lazer, educação e bem-estar, por exemplo, uma vez que o cinema é arte, cultura e educação. Nesse sentido, a escola enquanto instrumento de transformação social, pouco

aplica uma didática em suas aulas ao utilizar filmes pedagogicamente, deixa de cumprir leis educacionais específicas que preveem a utilização de filmes nacionais para ampliação de debate e exploração da arte e cultura no currículo de maneira sistemática. Observa-se que esse obstáculo está presente desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e se estende até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, se faz uma didática ainda menos atrativa, o que não deveria ocorrer já que a EJA também faz parte da composição da Educação Básica, pois muitos dos estudantes que buscam tal modalidade e a buscam, porque teve interrompida em algum momento de sua vida, a oportunidade de concluir os seus estudos em busca da melhoria em sua qualificação no seu processo de ensino-aprendizagem. A EJA tem seu reconhecimento legal registrado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, em seu título III- Do Direito à Educação e do Dever de Educar, inciso VII que diz: “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”; Esse artigo lembra de que a EJA é uma garantia, mas apesar disso pouco se tem feito para manter as portas das salas de aula da EJA abertas e a garantia acima citada é quase inexistente no que se diz respeito a políticas públicas que visem à manutenção dessa modalidade de ensino.

Por isso, essa pesquisa foi pensada e aplicada através de uma Intervenção Pedagógica enquanto metodologia com a turma de EJA e cinema na escola no Ensino Médio que teve os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL:

Desenvolver uma intervenção pedagógica no formato de sequência didática com a temática voltada ao mundo do trabalho para o ensino de Sociologia na Educação de Jovens e Adultos, utilizando como estratégia as discussões sociológicas presentes no cinema nacional brasileiro.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

1. Discutir as temáticas abordadas nos filmes à luz do campo sociológico com enfoques teóricos a partir do roteiro fílmico;
2. Promover estudos em sequências didáticas a partir da Análise do Conteúdo dos filmes exibidos no CineClube na escola e propor discussões a partir do CineDebate ;
3. Sensibilizar o olhar e a escuta para questões sociais históricas do Brasil que se entrelaçam com o cotidiano dos discentes pertencentes à Educação de Jovens e Adultos.

A exibição de filmes nacionais que retratem a realidade da sociedade estimula o pensamento crítico. O cinema é uma linguagem, logo uma forma de leitura que precisa ser exercitada. O letramento ensinado e defendido pela saudosa Magda Soares (2008) diferencia que ler palavras isoladas e decodificar o código alfabético não é leitura, não é letramento. Para ser letrado não necessita ser alfabetizado e o público da EJA tem experiência de vida alimentada pelo caminho do letramento. A leitura crítica da realidade através dos livros é rica, mas não menos importante a leitura de uma imagem que valha mil palavras fixadas na tela explica muito de História da humanidade, assim como explica também da História do Brasil.

Magda Soares (2008) em seu livro *Alfabetizar/Letrandos*, nos traz o conceito de letramento, segundo a autora o letramento se apresenta no cotidiano e no contexto social em que o sujeito está inserido, seria o que podemos dizer enquanto competência de leitura da sua realidade. É possível ser letrado sem ser alfabetizado? A resposta é sim. O processo de alfabetizar se refere às letras e seus combinados silábicos que formam as palavras, as frases, os textos. O processo de letramento é mais amplo e complexo, pois envolve leitura do contexto social, sobretudo no qual se vive. O cinema é uma expressão da linguagem que perpassa disciplinas,

assim alcança além o sujeito-aluno e propicia outras experiências de leitura como afirma Fresquet:

“A pedagogia o cinema é caracterizada pelo modo de aproximação ao objeto. Essa aproximação deverá priorizar sempre um modo criativo, dado que o cinema se trata de um objeto vivaz e indócil, segundo Bergala. Ele destaca a importância de evitar qualquer pedagogia que se estabeleça de maneira dogmática, aferrando-se rigidamente a um saber (muitas vezes incompleto e reducionista) dos elementos da linguagem do cinema”. (FRESQUET, p. 56, 2013).

Um adulto que vende sua força de trabalho em uma fábrica e que desenvolveu sua capacidade de discutir e reconhecer o processo de exploração ao qual está submetido e combate não só as ideias, mas questiona também os meios de produção e a divisão desigual do trabalho e dos lucros, ainda que não saiba ler ele é letrado. Pois demonstra que seu grau de compreensão da situação posta que é imoral, logo seu nível de letramento e experiências de mundo lhe dão condições e bagagem para entender seu lugar no mundo. Outro autor importante e seus conceitos é o saudoso Paulo Freire. Ele diz que a força da palavra transforma e os “diferentes saberes” são necessários para o caminho formativo do educando. Quando Paulo Freire alfabetizou um grupo de 300 adultos trabalhadores em Angicos no Rio Grande do Norte em 45 dias através do seu método focado na dialogicidade entre educador e educando, que ao usar de palavras geradoras e sua problematização com o mundo do trabalho nos ensinou a importância de ler o mundo antes da leitura das palavras, isso é alfabetizar letrando ao mesmo tempo.

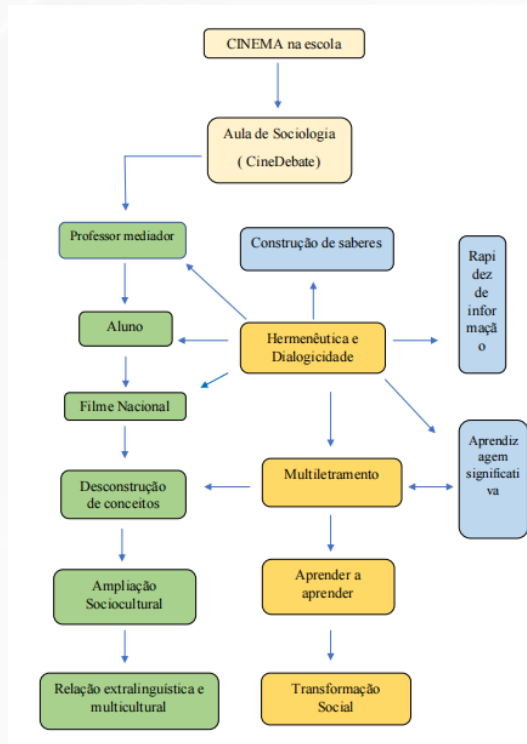
“A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico-reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro- é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo. Em linguagem direta: os homens humanizam-se, trabalhando juntos para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistem em liberdade. Aos que constroem juntos o mundo humano, compete assumirem a responsabilidade de

dar-lhe direção. Dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores- o povo". (FREIRE, P. 11, 1987).

A disciplina de Sociologia tem por finalidade auxiliar a compreensão dos fenômenos sociais e a partir de suas teorias e compreender conceitos estabelecidos na sociedade, que por consequente estão também presentes no mundo do trabalho. Tais questionamentos nascem a partir das reflexões, muitas vezes vivenciada na pele por àqueles que sofrem as discriminações e preconceitos pelo sistema e que através da exploração tem sua vida sacrificada. Para a EJA à Sociologia ocupa no currículo um lugar ainda de pouco debate e reconhecimento, pois sua contribuição a cada aula lecionada, assim como em outras disciplinas das Ciências Humanas como à Filosofia, à História e à Geografia os estudantes parecem distantes da compreensão do discurso nos livros didáticos e paradidáticos que complementam a aprendizagem.

Diante desse contexto em como a EJA em seu lugar na educação junto à Sociologia foi pensado um mapa conceitual que pudesse ilustrar a organização de pensamento ao passo do cinema e sua linguagem, a sociologia, os multiletramentos envolvidos em tal dinâmica e a construção de saberes significativos a partir da prática pedagógica desenvolvida a partir dos debates após a exibição dos filmes nacionais no clube de cinema na escola. O Cine Debate nas aulas após a exibição de filmes nacionais funciona enquanto estratégia e ferramenta importante no processo, pois com essa ação dispomos de dispositivos pedagógicos como o diálogo entre professor- aluno- professor, se estabelece assim uma relação horizontal, proximidade e validação das opiniões em jogo. O professor enquanto mediador a garantir a transição e desconstrução de conceitos para ampliação sociocultural do aluno na construção de saberes através dos multiletramentos, hermenêutica e dialogicidade.

Quadro 01 - Mapa conceitual do CineDebate no ambiente educacional.



FONTE: A autora, 2024.

Embora a ludicidade seja necessária em qualquer modalidade de ensino, na EJA é pouco utilizada e tal instrumento possibilita a elaboração de uma melhor compreensão a respeito dos conteúdos, isso porque passamos por momentos de equilíbrio e desequilíbrios das aprendizagens e informações como bem explica Jean Piaget em sua Teoria da Aprendizagem. Nesse processo uma nova informação se confronta com uma anteriormente já acomodada, ao causar um desequilíbrio à nova informação que passará a se acomodar através das experiências e o ciclo se repete quando uma nova informação é inserida e passamos por esse processo diversas vezes ao longo da vida no processo de ensino-aprendizagem.

Toda privação vivida por esses estudantes ao longo de seu processo formativo o distanciou da utilização de sua imaginação e capacidade criativa, algo extremamente importante para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo que se apresenta na oralidade e na escrita.

Concernente a isso trazer ao debate a teoria da imaginação sociológica de Charles Wright Mills enriqueceu a proposição que a partir do cinema nacional é possível construir um imaginário consciente a respeito dos estratos sociais e seus dilemas. Para Mills, a imaginação sociológica afeta a vida íntima, a vida privada, sua consciência direta e as esferas da vida social:

“A imaginação sociológica capacita seu possuidor compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e questões públicas.” (MILLS, P.12, 1959).

A consciência de classe para o alcance de sua compreensão necessita de um alto grau de criticidade. Muitos indivíduos tem dificuldade de se reconhecer enquanto classe trabalhadora por acreditar que pertence a elite. Reconhecer-se enquanto cidadão comum que compõe a classe explorada e dominada é entrar em confronto com si mesmo, uma vez que não ser pobre para muitos é estar em ascensão para uma classe superior e elitizada.

O exercício de imaginação sociológica é complexo para vistas atuais, visto que a teoria criada por Wrigth Mills em 1959 é necessária e atual. Os indivíduos da sociedade moderna demonstram dificuldade em exercitar a alteridade, isso implica alto nível de compreensão de situações muitas vezes que não pertecem ao universo vivido por alguns grupos como para quem pertence às elites. A compreensão cronológica de fatos históricos ocorridos na sociedade há séculos atinge a vida de muitos como a escravidão de pessoas negras no passado e conseqüente o racismo no mundo atual. O que Mills nos apresenta enquanto teoria que deve ser aplicada em sala de aula, sobretudo nas aulas de Sociologia, é que a possibilidade

de compreender fatos e contextos através do exercício da imaginação sociológica se amplia a visão de compreensão além das observações e experiências individuais como compreender temas públicos e coletivos de maior alcance, ou seja, observar a partir de uma preocupação social. Mills acreditava que:

“A imaginação sociológica se está tornando, creio, o principal denominador da nossa vida cultural, e sua característica marcante. Essa qualidade da mente se encontra nas Ciências Sociais e Psicológicas, mas vai muito além desses estudos, tal como conhecemos. Sua aquisição pelos indivíduos e pela comunidade cultural em geral é lenta e por vezes hesitante; muitos cientistas sociais não tem consciência dela. Não parecem saber que o uso dessa imaginação é central ao melhor trabalho que possam realizar, que deixando de desenvolvê-la e usá-la estão deixando de atender às expectativas culturais que se fazem deles o que as tradições clássicas de suas várias disciplinas colocam à sua disposição”. (MILLS, P. 21, 1959).

Mills faz o convite a uma reflexão aproximada da realidade para superação do entendimento a respeito da própria história do sujeito. Ao compreender Bell Hools, ela se contrapõe ao que o cinema se propunha a fazer enquanto reprodutora figurativa das realidades:

“O cinema traduz magia. Modifica as coisas. Pega a realidade e a transforma em algo diferente bem diante dos nossos olhos. Em geral quando critico algum filme do qual muitas pessoas gostam, elas me dizem: “Ele é apenas uma amostra de como as coisas são. É a realidade .” E ninguém quer ouvir quando digo que mostrar a realidade ao público é tudo o que um filme não faz”. (Hools, p. 17, 2023).

Bell Hools vai traduzir de forma subversiva o papel do cinema na sua intenção pedagógica, pois ela usava muito dessa ferramenta para explicar teorias como o feminismo, racismo e sexo em suas aulas. Hooks defende que o cinema a depender de quem o produz não coloca os óculos sociológicos de perto para retratar as realidades de fato. Embora, o pouco que temos hoje já tenha avançado bastante (sobre o cinema brasileiro) nas causas sociais muito tem por se fazer ainda. Ela afirma que a magia do cinema se mostra quando:

“Gostemos ou não, o cinema tem um papel pedagógico na vida de muitas pessoas. Mesmo que um cineasta não tenha a

intenção de ensinar algo ao público, não significa que não haja ali uma lição a ser aprendida”. (Hoolks, p. 19, 2023).

Em suas críticas ao cinema Hoolks resalta que ainda que o cinema não retrate fielmente a vida real seria sim importante para compreender complexidades da sociedade contemporânea. A abordagem dessa linguagem visual transpassa o texto escrito, pois o cinema é texto vivo e o diálogo das histórias narradas e interpretadas dão vida ao imaginário. Em seu livro Cinema Vivido ela afirma que:

“Além de oferecerem uma narrativa para discursos específicos sobre raça, sexo, e classe, filmes também podem ser um canal de experiência compartilhada, um ponto de partida comum a partir do qual públicos diversos podem dialogar sobre assuntos polêmicos. Ao tentar ensinar teorias feministas complexas a estudantes hostis aos textos, várias vezes tive de começar a discussão falando de determinado filme. De repente os alunos se envolviam em debates acalorados, empregando os mesmos conceitos que antes haviam afirmado não compreender.” (Hoolks, p. 19, 2023).

O debate após o filme é um exercício de alteridade, ouvir o igual e se posicionar forma e reforma opiniões. A dialogicidade nesse exercício conflituoso faz e desfaz o ser. Na medida em que diferentes opiniões se expõem é possível refletir e na hermenêutica se sofisticar a leitura através da cena. As leituras realizadas a partir da tela são formadoras não só de opinião e consciência, mas também molda o imaginário e influencia atitudes, estilo, decisões inclusive políticas, a respeito Hoolks coloca que:

“Foi esse uso do cinema como ferramenta pedagógica que me levou, como crítica cultural e teórica feminista, a escrever sobre filmes. Eu estava interessada principalmente na forma como eles criam discursos públicos populares sobre raça, sexo e classe, e queria falar sobre o que esses discursos estavam dizendo e para quem. Em especial, minha intenção era questionar certos filmes vendidos e aclamados pela crítica como textos progressistas, para ver se as mensagens contidas nesses trabalhos realmente encorajavam e promoviam uma narrativa contra-hegemônica em desafios às estruturas convencionais de dominação que alicerçam e mantêm o patriarcado supremacista branco capitalista.” (Hoolks, p. 19, 2023).

Ao mesmo tempo em que cada vez mais a imagem se faz presente no dia-a-dia dos jovens e adultos da atualidade, o visual torna-se cada vez mais documental e instrumental na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais. A imaginação sociológica passa a ser uma bússola na ligação entre narrativas fílmicas, os saberes na disciplina de Sociologia, o cinema (entre os outros meios de expressões culturais), que apresentem ser o mais próximo possível do dia-a-dia dos educandos devido o fato de sua linguagem funcionar como uma reprodução fotográfica da realidade. No contexto desse processo cabe ao professor não impor interpretações, mas fomentar os diálogos, uma vez que as imagens trabalham cognitivamente a intensidade do olhar e a qualidade da imaginação em um processo como resultado de conhecimento, consciência do ver e saber.

Existe a importância de uma nova estrutura educacional, que substitua o pensamento disjuntivo, o redutor, o que isola e separa pelo pensamento complexo, contextual, para que una, ligue e enfrente a incerteza. Ele completará a integração das partes em um todo e da integração do todo no interior das partes. Esse modelo de pensamento em reformar o modo de pensar é capaz de construir cidadãos com capacidade para enfrentar os problemas de seu tempo e se desdobrar em uma ética da união e da solidariedade entre humanos, a fim de favorecer o senso de responsabilidade e cidadania. Para ocorrência dessa mudança ainda há longo caminho, já que as disciplinas são justificáveis as possíveis ligações de solidariedade entre elas, concedidas enquanto estiverem abertas às realidades globais. O que não nos permite concordar com Morin que nos diz:

[...] demolir o que as disciplinas criaram, não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada. (MORRIN, 2003, p. 115).

A partir desses pressupostos teóricos, este trabalho buscou através dos filmes nacionais brasileiros sensibilizar os estudantes de uma turma de jovens e adultos no ensino médio na disciplina de sociologia a fim

de buscar a compreensão com auxílio da interdisciplinaridade que há na esfera escolar. O áudio visual foi utilizado como pano de fundo para que os estudantes se desdobrassem e se interessassem sobre a temática do mundo do trabalho. Ao apostar no despertar a partir do interesse dos jovens e adultos pelos filmes exibidos acreditando atraí-los pelas histórias narradas e imagens para o universo da sociologia, a pesquisadora lançou mão do uso desses recursos para problematizar assuntos/conteúdos relevantes a essa disciplina e ao ambiente escolar. A priori, os estudantes não se sentiram à vontade em dialogar e expor seus pensamentos a partir do cine debate e seus temas geradores, mas ao longo do processo isso foi se modificando.

Para Edgar Morin (2000), nos explica que parcelar e compartimentar saberes impede a compreensão da complexidade na totalidade. Tal prática pedagógica que coloca as disciplinas trabalhadas através de saberes divididos, compartimentados, não coaduna com a realidade que é urgente e global, pois as relações entre o todo e as partes impedem as contextualizações dos saberes, que deveriam resgatar a unidade da natureza essencialmente humana. Os conceitos científicos e os saberes gerados pelas vivências/experiências nos reportam a Edgar Morin. Para desenvolver a inteligência e sabedoria se faz necessário conhecer e isso implica trabalhar com informações classificando e analisando para contextualizar de maneira útil e pertinente, ou seja, produzir formas novas de progresso e desenvolvimento. Sabedoria e consciência requerem reflexão, algo que implica na capacidade produtiva de novas formas de existir, de humanizar e de pensar em complexidade.

“Para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes”... (MORIN, 2003, p. 48).

A arte é um ponto de partida que deveria estar presente independente da matéria ou disciplina escolar, pois a criatividade deverá ser a primeira elaboração mental para resolução de qualquer desafio. A natureza humana se baseia em sua criatividade de criar para resolver problemas, solucionar desafios cotidianos e globais individualmente, sobretudo, coletivamente. Para ampliar o conceito a partir de Morin sobre a interdisciplinaridade convergente ao uso de imagem como estratégia de gestão do conhecimento interdisciplinar Erenildo João Carlos (2010) em Por Uma Pedagogia Crítica da Visualidade, (p. 30):

“Nesse cenário da mediação cultural proporcionada pela mídia, a imagem aparece com o ímpeto de sua singularidade, submetendo a população local e global a um regime de verdade enquadrado na visão e na particularidade da coisa vista. Nessa ordem epistêmica cultural, ela não somente confere visibilidade aos produtos e as concepções de mundos dominantes, a fim de que devam ser consumidos e experimentados no solo do cotidiano, mas também atribui visibilidade ao que se quer circular, sugerindo e imprimindo um modo reticular espetacular de conhecer as coisas, o mundo, as pessoas, os lugares, os acontecimentos, enfim, a vida. A mídia assume, portanto o ver como saber, instalando e consolidando uma espécie de epistemologia: a da visualidade”.

Carlos (2010) provoca a refletir sobre o poder exercido pela mídia através da visualidade. Isso inclui o cinema como forte instrumento articulador, pois imagem-conhecimento apresenta interface, sabemos que a imagem é um signo, assim como a palavra, e esse signo pode performar ou não o mundo real.

“Não é à toa que vários estudiosos² sobre o assunto têm empregado expressões como “cultura midiática”, “sociedade do conhecimento”, “comunicação de massa” e, com elas, indicando suas preocupações em investigar e discutir sobre as múltiplas formas da linguagem empregadas e postas em circulação, seus impactos sobre a constituição da subjetividade da população local e global, sua forma de funcionamento, enfim, seu modo de existência singular”. CARLOS (2010), p. 28.

O visual está presente no cotidiano, pois a construção da imagem é algo muito significativo através dos símbolos. A construção da imagem pode ser positiva ou negativa, isso irá ficar a cargo da intenção, assim como nenhuma palavra é neutra tampouco será uma imagem propagada pelos meios midiáticos através de quaisquer ferramenta com muito ou pouco poder de influência. Para Carlos (2010), o jogo das visualidades está impetrado justamente no movimento de poder somado ao discurso do vínculo visual, e no cinema não funciona diferente, em análise ele afirma:

“Outro traço dessa epistemologia diz respeito ao poder que a imagem tem de ser confundida com o que é representado. É o que Baudrillard chama de simulacro, processo pelo qual o par significante –significado substitui o referente, ou seja, assume o seu lugar. Aqui, a imagem parece como se fosse o real, tem um efeito de realidade. “(...) A imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de efeito do real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver”, diz Bourdieu (p.28). Quando a representação (significante-significado) é identificada com a referência (ser, ente, coisa concreta representada), acontece a desreferencialização do real, isto é, a imagem gera o efeito de realidade”. (CARLOS, 2010, p. 31).

“Ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver”, como afirmou Bourdieu sobre a imagem, o ato de fazer ver através da tela no que diz respeito ao cinema é ver a realidade enquadrada e se identificar com essa realidade através do filme exibido. Apesar de o cinema brincar com a magia e a fantasia, ele traz também realidades através de seus discursos- filmicos. A construção de “fazer crer no que se ver” é muito forte no sentido de que a história narrada ficcional ou baseada em fatos reais dar base para construção do imaginário, sobretudo coletivo como já citado por Morin. Por isso realizar uma curadoria dos filmes relacionados ao tema pretendido e alinhar claramente aos seus objetivos de aula é crucial para adquirir êxito na construção desses conhecimentos propostos pelo currículo ou entre tantos outros saberes.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola de referência em Ensino Médio (EREM) no bairro do Bongí, zona Oeste da Cidade do Recife. As aulas da turma participante ocorreram no horário noturno, pois se tratava de uma turma de 2º ano do Ensino Médio em EJA. A faixa etária dos participantes foi de 18 a 55 anos num universo de 24 alunos. Desse grupo de alunos 9 (nove) eram do sexo masculinos e 15 (quinze) do sexo feminino (um questionário exploratório foi aplicado mas não será apresentado nesse artigo).

No planejamento de ações das atividades propostas cumprimos o total de 6 encontros nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2024. Desses encontros 1 (um) deles para apresentação da proposta de pesquisa a gestão escolar, coordenação pedagógica, e aos professores de Sociologia interessados em contribuir com a pesquisa ao participar com sua turma. Os outros 5 (cinco) encontros para a exibição dos filmes e Cine Debate. As aulas tinham duração de 2 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos que proporcionaram tempo suficiente para a exibição dos filmes *Que horas ela volta* (gênero filme drama) e *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (gênero filme documentário) sem interrupções ou cortes, ambos exibidos em sala de auditório/teatro devidamente equipada para acomodação dos estudantes.

Para esse artigo iremos nos deter realizando um recorte da pesquisa a apresentar o resultado do 1º cinedebate, pois foi bastante rica a experiência uma vez que os alunos tem pouca vivência com o cinema nacional brasileiro. O primeiro filme exibido foi o filme *Que horas ela volta*, de Anna Muylaert (2015), que mostra um Brasil e suas mudanças sociais e culturais nos últimos anos. A empregada Val é produto de uma sociedade patriarcal, dominado por relações injustas de trabalho, que irá abordar as exacerbadas diferenças entre as classes sociais no filme. Após a exibição do filme para a turma na aula seguinte foi questionado aos alunos perguntas geradores para estimular o debate a partir de recorde de cenas do filme. A cena apontada pela turma como a mais provocativa foi à cena

da piscina onde Jéssica (filha de Val) questiona a mãe o fato de trabalhar tantos anos na casa e jamais ter entrado na piscina. Jéssica é uma jovem que não conviveu com a mãe e sai de Pernambuco para ir até São Paulo prestar o vestibular da Universidade de São Paulo (USP) para o curso de Arquitetura, seu sonho, que ela realiza ao final do filme.



Fonte: usj.org.br

Durante o CineDebate falas importantes a respeito dessa cena são tocadas carregadas de análise com o olhar crítico da vivência nas falas dos educandos. Iniciamos o momento realizando a memória da aula passada com a exibição do filme *Que horas ela volta*, como um memorando, a partir do resumo do filme abrimos a roda de debate convidando os estudantes a se colocar e dar voz a quem teria realizado suas anotações. Para não identificar os estudantes e suas falas nomearemos por letra A de aluno seguida de numeral, exemplo: A1, A2, A3 e assim por diante.

Iniciei questionando o conteúdo do filme a respeito do que a turma havia achado, alguns colocaram que ficaram muito felizes com o final. Val seria um exemplo de libertação, já que passou boa parte da vida longe da filha (Jéssica), uma vez que para sobreviver dedicou muito tempo ao seu ofício longe da família e sua terra natal (Pernambuco). A trama começa lenta e vai avançando na figura de Val (empregada) que ganha notorie-



dade e sua personagem vai crescendo e mudando, essas mudanças foram percebidas pelos alunos. Na discussão eles colocaram algumas falas:

A1 coloca que: “Eu achei que teve um pouquinho de injustiça, sabe? Assim... Eu achei não que foi injusto, mas é porque a educação no Brasil é complicada, né?”

Então... O fato dela ter se esforçado e ele não e no final do filme ele ter ido para o internato, né? Tipo assim, se ela não tivesse passado ela não teria as condições de ir, né? Então... As pessoas que não são ricas elas acabam endeusando as que são ricas, né? No caso a funcionária, né? A empregada doméstica? A senhora? Ela colocou os patrões no nível de... Assim eu acho que ela se sentiu até como se fosse parte da família, né? Deles e tudo mais... Mas, meio que não era, né!? Meio que não era não! Não era, né!?”

A2 “O filme fala de uma empregada doméstica. mora num lugar reservado (quarto dos fundos), e o interessante é que a patroa tem condições enquanto a empregada é pobre mostrando a desigualdade social. A filha que vai prestar o vestibular ela é inteligente, enquanto que o filho da patroa usa drogas. E vemos que a filha se dar bem e o filho não”.

Fala de aluno autista, o aluno fez sua anotação em seu caderno e leu para turma.

A3 “A melhor cena é a cena que ela entra dentro da piscina e liga para a filha dela. Essa é a cena que mais toca no meu coração!”

Nesse encontro primeiramente conversamos a respeito da importância temática do filme. Lemos a sinopse do filme e um momento de escuta sobre a importância do trabalho das domésticas e cuidadoras das famílias brasileiras. Muitas alunas presentes já desenvolveram ou estão na condição de diaristas e cuidadora na figura da doméstica que é promovida a membro familiar através da fala “faz parte da família”. Essa fala colocada inclusive pelos alunos/as caracteriza um fato histórico do processo de escravidão no Brasil que colocou as negras escravas na Casa Grande de frente a esse processo do cuidar. Elas lavavam, cozinhavam, amamentavam os filhos de seus senhores. Esse fato histórico perdura na estrutura da

família brasileira, isso foi identificado pelos educandos e nomeado como escravidão moderna.



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Sobre a complexidade que “veste” o mundo atual encontramos na forma interdisciplinar de ensinar um novo saber, um novo olhar muito necessário para combater o viés epistemológico único que assombra os dias e noites com o avanço da intolerância sobre os diálogos em todo o mundo. As disciplinas que se unem e se somam em discursos, posturas, campos de pesquisa e atuação sistêmica na compreensão do campo de cooperação dos saberes para construção do conhecimento nos faz avançar em qualidade e humanidade. A ação do pensar coletivamente em soluções para os problemas sociais que atingem a todos da classe trabalhadora na sociedade é necessária enquanto exercício escolar antes de partir para vida prática e para os adultos já é refletir sobre sua realidade.

Na sala de aula cada vez mais se faz necessário dinamizar as ferramentas de uso para pesquisa e leitura ao relacionar o link da atualidade aos acontecimentos do passado já registrado em diversas fontes como o cinema, por exemplo. O desafio dos professores é hercúleo para atrair a atenção desses jovens em sala de aula. O debate é atual e antigo a respeito da mobilização necessária para que o corpo docente precise desenvolver, enquanto estratégia e metodologia de ensino, a aproximação da realidade dos estudantes integrando cada vez mais recursos audiovisuais a

fim de atrair os olhares atentos ao que se vê e ouve. No entanto, mesmo com a frequência da atualização desses recursos em sala poucos são os registros de sua prática pedagógica com intencionalidade de forma clara e objetiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas falas coletadas pelos estudantes é possível analisar que muitos deles se identificam com o filme e discordaram do tratamento dado pela família a doméstica Val. O fato de Val “dormir em um quartinho” a parte na condição de dependência de empregada mostra uma sociedade com pensamentos escravista ainda presente nos dias atuais, que tem em seu imaginário que a empregada é parte de seus bens e uso enquanto objeto de posse e por isso deve estar à disposição. Na fala de uma das alunas ela destaca o fato do preparo no café da manhã para a família, coloca como uma espécie de senazala moderna, pois dorme no trabalho e isso seria uma extensão da casa grande. O que não deveria existir, pois Val deveria ter sua liberdade e sua casa para ir e vir.

A exibição do filme e a vivência foram muito válidas, muitos alunos se emocionaram com as cenas e os estudantes vibraram com as conquistas de mãe e filha no avanço da narrativa. A virada conceitual de Val no tocante ao seu lugar no mundo e se perceber como não membro da família foi a força motriz para uma mudança de vida ao deixar a casa e ir em busca da sua própria moradia, sair da casa dos patrões para enfim conviver com sua filha e lutar pela sua independência na atividade laboral, isso é positivo no discurso narrativo para empoderar muitas “Vals” que se encontravam na sala de aula.

Chagamos a discutir sobre o cinema nacional brasileiro e a necessidade de mais momentos como o vivenciado para ampliar discussões de conteúdos de relevância social. A questão da jornada de trabalho escala 6X1, regulamentação dos motos UBERes e outros Apps de entrega em motocicletas e bicicletas, por exemplo. Percebe-se que a experiência com

o cinema na escola provoca reflexão crítica. Provocar a discussão através do debate, promove alteridade e escuta atenta para diferenciar fato de opinião. Para além do processo argumentativo desenvolver anotações durante a vivência estimula o processo de elaboração dos argumentos que serão colocados e aprimorados para desenvolver a habilidade da oralidade em público, pois na EJA o processo de oralização é bastante presente e forte e requer do professor escuta atenta para valorização dos conhecimentos prévios do seu estudante.

Nos filmes nacionais que trazem essas discussões impactantes e (re) significativas de maneira crítica e reflexiva sobre a execução das atividades, exploração, direitos, deveres e remuneração justa mas também coopera para a construção de uma nova consciência no imaginário coletivo. A classe trabalhadora e seus filhos a cada gota de suor necessitam desse esclarecimento e se não na escola como suporte inicial onde mais poderá ser o debate? No mundo dos adultos muitos são autônomos e vendem sua força de trabalho através de prestação de serviço no segundo setor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a aplicação da proposta de intervenção mostrou resultados positivos concernente a modalidade de ensino abordada (EJA). As fundamentações teóricas pesquisadas como Bourdieu (2010), Morin (2014), Freire (1987), Hoolks (2023), Fresquet (2013) e Mills (1959), deram embasamento para aplicabilidade da intervenção e o objetivo geral foi alcançado com sucesso. A abordagem com audiovisuais com vistas científicas são necessárias para ampliação e fomento de mais pesquisas nas humanidades, sobretudo, da Sociologia.

A discussão sobre temas geradores de interesse dos estudantes e quebra de tabus através da abordagem de Intervenção Pedagógica é muito rica, pois é uma metodologia não apenas de cunho científico, mas também de método de ensino inovador, uma vez que de forma horizontal

coloca a relação estudante- professor e aproxima o olhar docente sobre sua prática confrontando com teoria e prática pedagógica, isso é de suma importância para avanços significativos na educação brasileira. O acúmulo de conteúdos é pouco para a EJA, esse público precisa visualizar sua história no cotidiano escolar, eles anseiam por mudança de vida e por isso retomam os estudos, a escola se torna um lugar de esperança. Como coloca Freire o verbo esperar para EJA é real, ir a escola é uma esperança em dias melhores e não acreditar nisso é desistir de si.

O filme brasileiro trabalhado trouxe esperança para a turma participante. Promoveu e estimulou o olhar crítico sobre um Brasil ainda em processo de libertação e os estudantes compreendem isso, compreendem também seu lugar no mundo e estrato social real. Essa lucidez árdua porem necessária estar ávida por dias melhores, dias livres da sombra do retrocesso e perdas de garantias sociais atacadas nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre: **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São paulo: Paz e Terra, 1974.

FRESQUET, A. MIGLIORIN, C. **Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. Cinema e Educação: A lei 13.006 - reflexões, perspectivas e propostas**. Universo Produção, Belo Horizonte, 2015
DOI:10.48075/ri.v10i1.4143. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/ideaca/article/view/4143>. Acesso em: 8 jan. 2023.

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1959.

MORIN, Edgar. **O cinema e o homem imainário; ensaio de antropologia**. Lisboa, Portugal: Relógio D'água/Grande Plano, 1997.